

## **A imprensa feminina da Ação Integralista Brasileira: algumas funções políticas e sociais das Blusas-Verdes representadas na revista *Brasil Feminino***

LILIAN TAVARES DE BAIROS FERREIRA<sup>1</sup>

As grandes transformações políticas que ocorreram na virada do século XX colaboraram para que a década de 1930 fosse palco de várias manifestações político-militares. Entre essas, podemos destacar, a “Revolta Armada” de 1930, na qual se inicia o governo provisório da Era Vargas, considerado pela historiografia uma ruptura na forma operante da primeira república e a de 1932, conhecida como “Revolução Constitucionalista. Assim, iniciou-se um novo momento político da República brasileira.

Outros partidos políticos surgem inseridos nesta temporalidade. A consolidação da Ação Integralista Brasileira (AIB) permitiu a construção de um cenário político bastante heterogêneo. Este trabalho aborda a questão da participação das mulheres no movimento integralista entre 1932 e 1937, período em que o integralismo teve um apelo popular incontestável.

A AIB foi oficialmente criada no dia 7 de outubro de 1932<sup>2</sup>. Impulsionada por um forte sentimento nacionalista, seu lema era: “Deus, Pátria e família”. É considerada por alguns estudiosos como sendo de extrema-direita e com congêneres fascistas. (Maio, Cytrynowicz, 2003, p.45)

O chefe nacional do integralismo, Plínio Salgado, já usava a imprensa como veículo de divulgação de sua ideologia. A princípio como difusor de cultura e, posteriormente, como boletim informativo de caráter principalmente ideológico. A estratégia proposta pela AIB para arregimentar e consolidar o movimento político foi, sobretudo, o uso da imprensa por meio dos jornais, livros, rádio, ritos e símbolos integralistas. A doutrina integralista foi imposta nesses rituais, nos estudos doutrinários e na hierarquização no âmbito interno do movimento.

A AIB teve um grande número de adeptos e simpatizantes, atraindo homens e mulheres que, em um curto período de tempo, se multiplicavam em vários subnúcleos para disseminar os interesses da doutrina integralista. Pela quantidade de filiados, foi considerado

---

<sup>1</sup> Mestranda em História Social pela PUC-São Paulo.

<sup>2</sup> A AIB foi criada por Plínio Salgado em São Paulo por meio do Manifesto de Outubro no Teatro Municipal; tal documento ficou conhecido como “Manifesto de Outubro”. (Cavalari, 1999, p.13)

o primeiro partido de massas do país, conforme descrevem os dados do jornal *Monitor Integralista*<sup>3</sup>: em fins de 1933, o partido possuía 20.000 inscritos; em 1934, o número passou a 180.000; em 1935, uma alta alavancou o número para 380.000; em 1936, atingiu 918.000 e em 1937, o partido contava precisamente com 1.352.000 militantes em suas fileiras. No ano de 1936, as mulheres já constituíam aproximadamente 20% dos militantes do movimento. (Maio, Cytrynowicz, 2003, p.52) No entanto esses dados numéricos são do jornal supracitado da própria AIB o que poderia ter sofrido uma inflação numérica segundo novas pesquisas sobre o integralismo.

Em 1937, devido à proximidade das eleições presidenciais em que o chefe nacional era candidato, as mulheres, chamadas de “Blusas-Verdes”, tiveram a maior participação e colaboração com o movimento integralista, desempenhando a função de professoras alfabetizadoras a fim de angariar o maior número de eleitores e votos para o chefe nacional da AIB. O que fica mais claro por meio desta citação:

Através da alfabetização rápida, buscava-se ensinar os brasileiros a ler e a escrever, não para elevar o seu nível cultural ou promover a sua realização plena enquanto homem integral, conforme era preconizado, mas para que ele pudesse obter seu título de eleitor. O objetivo era qualificá-lo para a campanha eleitoral para a sucessão presidencial e a renovação do legislativo federal. (Cavalari, 1999, p.65)

Vale ressaltar que o primeiro movimento feminista, denominado como a Primeira Onda<sup>4</sup>, surgiu em consonância com as transições políticas supracitadas. Após a proclamação da República, muitas mulheres passaram a reivindicar o direito de voto. Mesmo sofrendo preconceito pela sociedade, elas não desistiram e, em 1922, a paulista Bertha Lutz<sup>5</sup> criou a Federação Brasileira das Ligas pelo Progresso Feminino. Sua intenção era lutar pelos direitos das mulheres em geral, e não apenas pelo direito de voto. Segundo a ativista:

A participação da mulher na vida política não deve ser um objeto almejado pela ambição ou pela vaidade, mas um instrumento destinado a conseguir a realização do

<sup>3</sup> Monitor Integralista. Rio de Janeiro, ano V, vol.22, 7 de outubro de 1937, p.4. (Apud: Cavalari, 1999, p.13)

<sup>4</sup> Primeira Onda: movimento feminista – do final do século XIX e início do XX – reivindicava direitos civis, políticos, educacionais e trabalhistas.

<sup>5</sup> Líder feminista e bióloga, pioneira das lutas feministas no Brasil, nasceu em São Paulo. Completou sua educação na Europa onde tomou contato com a explosiva campanha sufragista inglesa. Em 1918, em Paris, licenciou-se em ciências na Universidade Sorbonne, voltando em seguida para o Brasil, onde ingressou através do concurso público, como bióloga no Museu Nacional. Desde seu regresso se tornou defensora dos direitos da mulher no país, sobre essas informações. (Shumaker, 2000, p.106)

programa feminista da igualdade jurídica e econômica dos sexos, de proteção à mocidade e a infância, de justiça social, da educação, de saúde pública e de dignificação do trabalho. (O Mundo Ilustrado, 1954, p.56)

Por meio dessas mudanças ocorridas no âmbito institucional do cenário político nacional, a mulher brasileira adquire o direito ao voto apenas em 1932, com a reforma do Código Eleitoral nº 21.076<sup>6</sup>, que garantiu a inclusão política da mulher, o direito ao sufrágio universal e melhorias no campo dos direitos civis e sociais (Avelar, 2001, p.17).

Sendo assim, os líderes do movimento integralista perceberam a importância desse novo eleitorado, abrindo assim o engajamento das mulheres em suas fileiras.

Desde a década de 1920, as mulheres já realizavam uma série de atividades importantes no Brasil, constituindo um segmento social que se destacava especialmente por sua atuação nos campos da cultura, educação e no âmbito “privado”. No entanto, ainda que algumas mulheres conquistassem posições de destaque na sociedade brasileira por mérito, o preconceito que procurava condicionar a existência feminina à execução de poucas atividades ainda era presente.

O movimento feminista era considerado pelas alas conservadoras, incluindo a própria AIB, como “moderno e libertário”, facilitando a destituição da mulher do seu perfil exclusivamente mariano, desviando-a do papel imposto pela sociedade de “provedora do lar e da família”. Ou seja, a Primeira Onda foi responsável pela criação de ocasiões que aumentavam a visibilidade da mulher no campo político e no espaço público que antes eram socialmente aceitos para o público masculino.

Para conter o feminismo e o comportamento importado dos filmes norte-americanos, das revistas femininas e etc., o integralismo aproveitou a participação das mulheres em suas fileiras como uma forma para controlar tais avanços feministas na sociedade. Ou seja, tendo em vista esse novo contexto de modernização, os grupos conservadores passam a ter a necessidade de conter o avanço feminino, e um movimento de caráter conservador como o integralismo não poderia ficar inerte em face à emancipação feminina. (Mancilha, 2011, p.186)

---

<sup>6</sup> Ver decreto na íntegra em: BRASIL. Câmara dos Deputados. *Decreto nº 21.076, de 24 de fevereiro de 1932*. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-21076-24-fevereiro-1932-507583-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 14 nov. 2016.

O integralismo atraiu as mulheres, principalmente, graças ao seu discurso em defesa da família e da religião oficial: o catolicismo, além da alusão à maior expressividade da participação feminina na política institucional. Na maioria das vezes, as atribuições das mulheres integralistas eram vinculadas às funções educacionais dentro do movimento, sendo elas responsáveis pela família e pela educação dos filhos, mantendo-os comprometidos com a pátria, bem como assumiam também o papel de disseminadoras da doutrina por meio da alfabetização de jovens e adultos. Ao longo deste trabalho poderemos observar como se davam essas relações e atuações femininas nas fileiras da AIB.

Por meio de um resgate das experiências femininas diante da sociedade brasileira e da ação integralista brasileira, a intenção deste trabalho é depreender como o integralismo lidava com esses avanços femininos nos campos político e social, analisar o discurso usado pelo chefe nacional para conter esses ares modernos e compreender as funções das mulheres integralistas no interior do partido. A partir desse contexto, sugere-se que essas mulheres praticavam um feminismo informal, pois estavam atuando no campo político. Ou seja: um espaço considerado “masculino” onde elas encontraram espaços para atuar e sair da invisibilidade histórica.

Para melhor compreensão dessa análise, as edições 35, 36, 37 e 38 da revista *Brasil Feminino*, de 1937, foram utilizadas como fonte documental. Porém, dialoga-se com algumas páginas que podem ser consideradas como principais para entender o posicionamento político e a função estabelecida pelo Sigma<sup>7</sup> para o público feminino.

### **As Blusas-Verdes nas páginas da revista *Brasil Feminino***

A Ação Integralista Brasileira usou vários meios de comunicação como agentes disseminadores da doutrina. Sobretudo a imprensa, provida de jornais, revista, livros e mesmo o rádio eram utilizados como divulgadores do Sigma. No integralismo, a propaganda ocupa uma posição de suma importância, pois era o meio pelo qual o movimento recrutava novos militantes e mantinha a coesão dos já integrados ao movimento. Ou seja, a mídia impressa

---

<sup>7</sup> O Sigma, letra grega que indica soma; corresponde, no nosso alfabeto, à letra ‘S’. Na AIB, esse símbolo tinha como objetivo lembrar que o movimento tinha o sentido de integrar todas as forças sociais do país como a suprema expressão da nacionalidade. (Cavalari, 1999, p.191)

(livros, jornais e revistas) era a principal interlocutora entre a doutrina integralista e o militante. (Cavalari, 1999, p.79)

Todavia, aproveitando as dificuldades financeiras declaradas pela diretora Iveta Ribeiro<sup>8</sup> da revista *Brasil Feminino*<sup>9</sup>, a jornalista afirmava que a revista havia passado por cinco anos muito difíceis e recebeu o socorro do integralismo no momento em que mais precisava. (Mancilha, 2011, p.186) Ou seja: a partir da edição 35, do mês de maio de 1937, o chefe nacional, aproveitando-se das dificuldades monetárias do periódico, converte a revista em uma publicação oficiosa para as mulheres integralistas, chamadas de Blusas-Verdes.

As militantes integralistas eram denominadas como Blusas-verdes, pois a cor verde oliva predominava nas vestimentas dos integralistas. Isso se tornou um símbolo dos adeptos, cujos codinomes, “*camisas-verdes*” para os homens e “*blusas-verdes*” para as mulheres marcaram a história do movimento. De acordo com o regimento interno do movimento integralista, as mulheres eram obrigadas a usar o uniforme da AIB. Existiam três opções de uniforme: o de verão, o de inverno e o completo. As imagens abaixo, que estão ilustrados nas páginas da fonte analisada nesse trabalho, nos demonstram dois desses trajés.



Figura 1 - Uniformes da mulher integralista.  
A primeira figura ilustra o “traje completo” e a segunda, o “traje de inverno”.  
(*Brasil Feminino*, ed. 36, 1937, p.38)

<sup>8</sup> Iveta Ribeiro filiou-se ao integralismo e em poucos meses a jornalista já militava dentro do departamento feminino. (Mancilha, 2011, p.186)

<sup>9</sup> A revista possuía características e discursos considerados conservadores em relação às revistas da mesma época, como *O Cruzeiro* e *A Cigarra*.

O uniforme, de fabricação nacional, mais frequentemente utilizado consistia em camisa de brim ou de algodão, com o símbolo do Sigma na manga esquerda da camisa, um broche também ao lado esquerdo do peito, saia preta ou branca e chapéu opcional. Outras representações simbólicas das militantes integralistas podem ser observadas na capa da revista aqui apresentada.

Na primeira capa após o engajamento, a fonte analisada apresenta a ilustração de uma mulher integralista trajando seu uniforme principal, com a bandeira da AIB e com a mão esticada efetuando a saudação “Anauê”<sup>10</sup>. Ou seja, exaltando e representando todos os símbolos integralistas que faziam parte do ritual da militância. Para melhor compreensão dessas representações, a imagem está apresentada na figura 2, ao lado esquerdo. Na página seguinte encontra-se a comunicação sobre a mudança que foi chamada de Nova Fase<sup>11</sup>, onde é informado para as leitoras que a revista passara a ser uma publicação oficial para as mulheres integralistas de todo o território nacional, como consta na figura 2 ao lado direito.



Figura 2 - Capa da revista *Brasil Feminino* e página informando sobre a mudança de direção.

<sup>10</sup> É a exclamação da saudação integralista, palavra de origem tupi.

<sup>11</sup> A revista *Brasil Feminino* seria agora “publicação oficiosa da Ação Integralista Brasileira, e [atuaria] como informador de todo o movimento da SNAFP, por ordem do Plínio Salgado, o Chefe Nacional”. Informação sobre a mudança ideológica da revista para se tornar um veículo da imprensa feminina integralista. (*Brasil Feminino*, ed. 35, 1937, p.1)

(Brasil Feminino, ed. 35, 1937, capa e p.2)

Analisando algumas seções da fonte, podemos notar a apresentação de contos, informações sobre corte e costura-bordados, experiências femininas com a maternidade e cuidados com a família. Ou seja, a publicação era voltada para a educação feminina; sobretudo, para os deveres e obrigações da mulher integralista. A seguir, serão analisados dois documentos essenciais que retratam funções que me parecem importantes: o alistamento eleitoral e a alfabetização rápida para atrair novos eleitores.

Além dessas funções já apresentadas, analisei brevemente alguns pontos principais do discurso usado para manter as mulheres longe dos ares da modernidade e do movimento feminista, pois esses movimentos libertários eram vistos como preocupantes tanto para o chefe nacional quanto para a sociedade conservadora vigente. Ou seja, essas mudanças no comportamento feminino, ocorridas ao longo das três primeiras décadas deste século, incomodaram conservadores, deixaram perplexos os desavisados e estimularam debates entre os mais progressistas. (Maluf, Mott, 1998, p.367) Portanto, algo preocupante para um partido conservador como a AIB.

Ao entrar em contato com as documentações e fontes integralistas, procurou-se identificar os periódicos que nasceram sob essas circunstâncias nacionalistas e apresentavam em seu conteúdo essa argumentação. O periódico integralista *Brasil Feminino* é um ótimo exemplo desse tipo de debate que se desenvolveu no Brasil durante as décadas de 1920 e 1930, momento em que o discurso sustentado pelo conjunto de valores morais em defesa da honra sexual feminina, familiar e nacional estava em voga. (Mancilha, 2011, p.185)

Entre os documentos apresentados, o segundo documento é um *Código de Normas e Condutas*, conhecido como “Schema das Theses” (Cavalari, 1999, p.69), que deveria ser cumprido na íntegra por toda militante da AIB. Esses documentos foram pesquisados na revista *Brasil Feminino*, edições 35 e 36 do ano de 1937. Vale ressaltar que esta revista foi um dos meios que a imprensa integralista possuía especialmente para estender sua propaganda ao público feminino. O primeiro documento foi destacado nas primeiras páginas da edição 35 (1937), constituinte na seção: *Diretrizes e assuntos integralistas*<sup>12</sup>. Os documentos estão transcritos a seguir:

---

<sup>12</sup> A grafia deste documento recebeu alterações do original, respeitando as normas de sintaxe atuais.

## PRIMEIRO DOCUMENTO

### A mulher e o alistamento eleitoral

A Secretaria de Nacional de Arregimentação Feminina e dos Plínio os enviou às secretarias provinciais a seguinte:

Circular

Como sabeis estamos em plena campanha eleitoral para a sucessão presidencial e renovação do legislativo federal. E o nosso movimento depende em grande parte de nosso sucesso.

São, portanto, preciosos os momentos para o trabalho de qualificação de eleitores para o referido pleito; E a mulher brasileira, e principalmente a integralista sabe querer e trabalhar até o sacrifício pelas grandes causas, por isso, certo está de que o Departamento Feminino será dado agora de conseguir alistar o maior número de eleitores da AIB.

Confiante de que nossa vitória depende do esforço deste departamento lembro às companheiras as seguintes consequências:

- 1) A qualificação urgente e imediata de todas as Blusas Verdes não eleitoras e com qualidades para tal.
- 2) A formação de uma massa eleitoral integralista, pela alfabetização rápida das companheiras analfabetas.
- 3) Trabalhar para que o integralista analfabeto consiga aprender o mais depressa possível, a fim de poder fazer o seu requerimento e obter o título de eleitor para as novas eleições.
- 4) Qualificação das pessoas, famílias, dos nossos companheiros, simpatizantes e amigos.
- 5) Organizar o trabalho por grupos que farão visitas às fábricas e a domicílio, angariando alfabetizantes e facilitando assim as qualificações.
- 6) Divisão do município por zonas com uma encarregada para cada zona.
- 7) Prestar serviços a chefe provincial na alfabetização rápida de todos os companheiros e simpatizantes.
- 8) Organizar um serviço coletivo em turmas pequenas, ou se preciso for, individual, para alfabetização.
- 9) Lembrar a toda Blusa Verde que ela tem o dever de responder pelo preparo de um analfabeto e o pelo alistamento de um eleitor no mínimo.
- 10) Nas localidades onde estejam fechadas nossas sedes que cada lar de Blusa Verde seja um centro eleitoral.

Rio de Janeiro, 15 de abril de 1937.

Irene de Freitas Henriques - Secretária Nacional

## SEGUNDO DOCUMENTO

### O papel da mulher no integralismo<sup>13</sup>

**Esquema Teses a serem desenvolvidas pelas *blusas verdes* em todos os núcleos da AIB**

---

<sup>13</sup> A grafia deste documento recebeu alterações do original, respeitando as normas de sintaxe atuais.

## I -

O que é integralismo?

É o espírito cristão, aplicado a um sistema de estado, de governo, de sociedade.

O que deverá fazer a mulher para retomar o espírito cristão?

Elevar cada vez mais os valores do espírito; combater todas as formas do materialismo, a decadência dos costumes, lutando pela moralização da sociedade: combater a ostentação e o luxo que estão ascendendo à cólera das massas operárias, combater o egoísmo e comodismo burgueses, os fúteis orgulhos, os preconceitos de uma civilização cruel para como os humildes, valorizar acima de todas as qualidades o valor do caráter, ensinar às crianças o culto dos heróis: restaurar a verdade sobre a mentira contemporânea; elevar a dignidade do lar, enaltecer as virtudes domésticas, implementar a bondade, a compaixão e solidariedade humana sobre todas as formas, inculcar no meio em que vive o culto de Deus e da Pátria.

Qual o objetivo do integralismo?

Construir uma grande nação cristã, poderoso, respeitada e feliz.

1 - Mostrar o quadro atual do Brasil, geral, materialista e grosseira, sem capacidade, de sacrifício da pátria: das suas populações, onde há reserva de nacionalismo, abandonadas e sofredoras; das suas intelectualidades cétricas, cosmopolita, sem traços de originalidade nacional, a frivolidade da maior parte das moças e senhoras; a ausência de uma formação nacional da mentalidade da infância e da juventude.

2 - Mostrar o quadro do Brasil integralista, unidos todos os seus filhos, por um só sentimento de unidade histórica e moral da sua sociedade espiritualizada, de sentimentos delicados, de honestidade, de pudor, de virtude, capaz de sacrifícios pela grandeza da nação; das suas populações assistidas carinhosamente pelos *camisas verdes*; de sua intelectualidade sadia, otimista, nacionalista, criadora, original; a atividade superior das moças e senhoras do país, criando uma atmosfera de virtudes em que os filhos, irmãos, esposas e pais, respirem revigorando-se para os trabalhos em prol da grandeza da pátria.

## II -

Como chegaremos ao objetivo supremo do integralismo?

Mostrar como os integralistas, homens e mulheres deve agir:

1 - Pela palavra;

2 - Pelo trabalho;

3 - Pelo exemplo.

1 - Pela palavra, doutrinando, esclarecendo os espíritos não só em discursos, conferências, artigos, livros, porém nas palestras e no meio social que vivem os *camisas verdes*.

2 - Pelo trabalho, exercendo os cargos que lhes tocarem, com amor, sendo pontuais, ativos, desenvolvendo as faculdades de iniciativa, de invenção, a respeitando e fazendo respeitar a disciplina; não se apegando aos cargos, porém sempre agindo com abnegação e modéstia.

3 - Pelo exemplo, vivendo uma vida de acordo com a doutrina que pregam: a vida da virtude, sacrifício, renúncia das mortificações voluntárias, a vida austera, nobre, elevada, simples, a vida sem mentiras, sem sacrifícios, sem vaidades tolas, a vida pela bondade e pelo espiritualismo.

Para a vitória do integralismo é indispensável:

1 - Confiar no chefe;

2 - Perseverar;

3 - Obedecer sem discutir;

4 - Trabalhar cada vez mais;

5 - Não desanimar, um minuto sequer.

### III -

Qual o papel da mulher no movimento é dever da mulher integralista dar o exemplo mais vivo:

- 1 - De convicção de ardor pela causa;
- 2 - De trabalho, iniciativa, esforço, sacrifício e perseverança;
- 3 - Disciplina, hierarquia e obediência;
- 4 - De união entre todas as companheiras, prestigiando-se mutuamente.

A mulher integralista no lar deve ser um permanente fator de incitamento ao esposo, pais, filhos, irmãos, levando-os a cumprirem rigorosamente seus deveres de *camisas verdes*, deve ser uma propagandista tenaz em todos os meios sociais em que tiver influência; deve ser um exemplo de simplicidade para com os humildes e sofredores; deve ser um modelo de coragem nos sofrimentos tão comuns na existência.

*Deve ter sempre acesa a chama, sagrada do nacionalismo mais ardente, não admitindo que o Brasil seja amesquinhado por quem quer que seja; deve ser uma afirmadora de brasilidade contra o cosmopolitismo sustentando a superioridade de nossa pátria; deve vestir a blusa verde com orgulho penetrada do sentimento de amor a Deus, à Família e à Nação. (grifo meu)*

Qual o papel da mulher no Estado Integral?

Para responder a esta tese temos que afirmar os seguintes princípios integralistas.

- 1 - A mulher não é nem superior nem inferior ao homem, porém é diferente (sensibilidade, coração, intuição etc.).
- 2 - O homem e a mulher biologicamente se completam; sentimentalmente se harmonizam; moralmente se identificam; intelectualmente se unem, por uma superior aspiração comum.
- 3 - Suas tarefas se distinguem no lar, na sociedade e na pátria, essas tarefas não se chocam, pois, se originam da natureza própria de cada um (coisas que seria ridículo a mulher; coisas que seria ridículo o homem fazer).
- 4 - A mulher tem deveres de seu sexo e direitos de sua vocação. A mulher pode ser, portanto, cientista, artista, escritora, técnica e representar politicamente sua classe desde que tenha aptidões e vocação para tal, nunca, porém deixando de cumprir os deveres inerentes ao seu estado.
- 5 - Tanto o homem quanto a mulher tem direitos e deveres.

- a) recíprocos
- b) para com a prole
- c) para com os semelhantes
- d) para com a pátria: e fundamentalmente:
- e) para com Deus.

Firmando estes princípios temos a concepção cristã integralista da mulher. Fixar os limites dos deveres e adquirir a consciência dos direitos. Explicar os deveres do homem para com a mulher e da mulher para com o homem, e de ambos.

No Estado Integral a mulher desempenhará de acordo com sua vocação e temperamento atividades:

- a) científicas
- b) literárias
- c) artísticas
- d) técnicas (magistério, burocracia, medicina, direito, engenharia etc.).
- e) políticas

Toda a mulher tem o dever de elevar a sua virtude, o seu pudor, a sua dignidade, o seu espírito e combater tudo o que pretende escravizá-la.

O que é que escraviza a mulher sem ela perceber?

1- a atitude hipócrita dos homens querendo fazê-las animais de luxo, pomposos títulos de rainha, cobrindo-a de um esplendor material, eles zombam delas entregando-se fora do lar a todas as liberdades incompatíveis com a grandeza e a santidade do matrimônio.

2 - *A ditadura da moda, que muitas vezes engendrada pelo judaísmo internacional, tendente, pela lei dos reflexos, condicionados a se formar nos homens um conceito meramente sensual e antinatural da mulher.* (grifo meu)

3 - A condescendência em que a sociedade burguesa encara o procedimento incorreto de homens e mulheres, tudo tolerando quando eles ocupam posição brilhante.

4 - Os salários e ordenados insuficientes a pais de família que obriga a mulher ao trabalho para ao sustento do lar, submetendo-a a um regime de baixos vencimentos.

5 - Os salários e ordenados ínfimos com que se pagam serviços honestos da mulher quando esta se vê obrigada a trabalhar.

6 - A ostentação das mulheres ricas, açulando o gosto pelo luxo nas menos favorecidas, que as leva ao caminho à revolta e a prostituição.

7 - As teorias de uma falsa ciência que, reduzindo tudo na vida a uma questão sexual, arranca, tanto do homem como da mulher a majestade de reis da criação animalizando-os e tornando a mulher mero instrumento de prazeres.

8 - Os casamentos por motivos de interesse financeiro e não de mútuo amor e sentimento de responsabilidade moral.

9 - O comodismo, o egoísmo, a vaidade, os refinamentos tão característicos de uma sociedade burguesa e materialista.

10 - A frivolidade, que deve ceder lugar a superiores preocupações do lar, da sociedade, da pátria e de Deus.

11 - A aceitação das ideias dissolventes que transformam o matrimônio num contrato egoísta e sem responsabilidade para com a pátria, a prole e a própria dignidade dos cônjuges.

12 - A obra sutil de amolecimento do caráter executado pela má literatura e mau cinema.

Só uma concepção espiritualista da existência trás á mulher dignidade, respeito e liberdade.

#### **IV -**

Qual o papel da mulher na formação do espírito nacional?

1 - O culto dos heróis do passado

2 - O culto das virtudes do presente

3 - O culto das grandes ideias no futuro

(Estes temas deverão ser desenvolvidos, ao todo, ou em partes, realizando-se conferências ou cursos em todos os Núcleos do país).

(Brasil Feminino, ed. 35, 1937, p.54)

Em um primeiro momento, parece claro que as funções primordiais da mulher integralista resumiam-se a arregimentar e alfabetizar. No entanto, analisando ambos os documentos, podemos perceber que suas funções iam muito além destas atividades. O fato de

o documento asseverar que a mulher brasileira e, principalmente, a integralista, deveria saber querer e trabalhar pelas chamadas "grandes causas" nos parece um demonstrativo cabal do poder que a persuasão, o discurso e a doutrina tinham sobre as mulheres integralistas.

A criação de um departamento específico, a qualificação recorrente das filiadas, a manutenção dos quadros e a absorção de novos militantes, tudo isso fazia parte do papel dado às mulheres: algo fundamental na dinâmica política do movimento integralista. Assim, o fato de toda Blusa-Verde entender que seu dever era responder ao apelo do chefe e ao preparo de "um analfabeto e o pelo alistamento de um eleitor no mínimo", já caracteriza a importância deste sujeito que não ficava restrito ao âmbito doméstico como, aliás, parte da historiografia sobre o integralismo fez crer ao longo dos anos 1970 e 1980.

Em consonância com a importância da mulher neste processo de arregimentação de militantes encontra-se o segundo documento. O *Esquema Teses a serem desenvolvidas pelas Blusas-Verdes em todos os núcleos da AIB* é, certamente, o mais claro demonstrativo de que a mulher começara a desempenhar um papel muito mais significativo dentro das dinâmicas políticas do integralismo. A costura de quatro perguntas fundamentais - "a) Qual o papel da mulher no movimento, é dever da mulher integralista dar o exemplo mais vivo?"; b) "Qual o papel da mulher no Estado Integral?"; c) "O que escraviza a mulher sem ela perceber?"; d) "Qual o papel da mulher na formação do espírito nacional?" - ajuda a moldar o documento, que passa a ser prescritivo. Ou seja: compulsório, obrigatório. Todas as mulheres integralistas passam a balizar suas condutas por este documento e o seguem irrestritamente.

Mas o que mais chama a atenção não são as questões realizadas, e sim as respostas que o próprio documento sugere: para o documento, a mulher integralista deveria, antes de tudo, trabalhar em prol de uma predeterminação: conseguir mais votos. E é interessante percebermos que, sempre ao final dos documentos, os integralistas e as integralistas eram incentivados a desenvolver e debater os temas da ação feminina (no todo ou em partes), realizando-se conferências ou cursos em todos os Núcleos do país. Assim, completava-se a proposição do chefe: chegar a cada brasileira por meio da palavra integralista. Ou seja, o discurso era direcionado para a manutenção de uma mulher idealizada pela sociedade conservadora vigente. Vale ressaltar que o movimento feminino Primeira Onda transformou a posição política da mulher, sugerindo que elas praticavam um feminismo informal. (Perrot, 1998)

O feminismo era visto pelo integralismo como agente desagregador do lar e da família. Assim, a AIB proibia terminantemente qualquer manifestação da liberdade feminina ou similares. Os hábitos cosmopolitas, como a moda ou o tabagismo, eram totalmente vedados pelo movimento. O ideal da mulher integralista era embasado na construção de uma nação culta; portanto, a mesma teria que alimentar-se intelectualmente, pois deveria ser uma mulher inteligente e útil para o seu país, para que pudesse ocupar uma posição de destaque na sociedade.

Esse discurso, diga-se “sedutor” e, ao mesmo tempo, impositivo, pode ser observado no segundo documento, que deixa claro que a mulher não pode ser uma boneca de luxo, mas que deve ser uma mulher responsável em relação à sua pátria. Vale ressaltar que somente professoras e enfermeiras se encaixavam perfeitamente no perfil da mulher idealizada pelo integralismo<sup>14</sup>. Assim, diante dos olhos da AIB, as mulheres não deveriam esquecer os dois pilares mais importantes de sua atuação: a ordem familiar e o catolicismo, que juntos constituiriam o fundamento para a construção da Nação.

A obediência por meio da palavra, conceito que também fica explícito no segundo documento, defende que o trabalho e o exemplo completavam o tripé da submissão frente à chefia integralista, pois: homens e mulheres deveriam servir ao movimento e se servir da doutrina, fazendo de suas ações diárias uma ode ao movimento.

Fica demonstrado, portanto, que a participação feminina no movimento integralista foi mais representativa que os recortes de jornal, os documentos e as lembranças das poucas remanescentes do período podem sugerir.

Portanto, devemos entender, por meio de uma revisão historiográfica recente, que as mulheres integralistas encontraram neste segmento político um meio para agir e participar ativamente de um partido político de grande representação do período existente. Também pode-se perceber que encontraram nas “brechas”, como sugere Daniel Lopes (2007), um modo para se manifestar política e publicamente; ou seja, possuíam, em alguns aspectos, representações semelhantes ao papel masculino.

---

<sup>14</sup> Sobre essas representações ver: Brasil Feminino, eds. 36 e 37, 1937. Encontram-se várias fotos de enfermeiras e professoras e também as blusas-verdes ao lado dos jovens (plinianos) e crianças, todos uniformizados com o uniforme integralista.

## **FONTES DOCUMENTAIS**

### **Arquivo Edgard Leuenroth, Universidade de Campinas (UNICAMP)**

Brasil Feminino. Rio de Janeiro, ed. 35, 1937.

Brasil Feminino. Rio de Janeiro, ed. 36, 1937.

### **Arquivo Delfos, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS)**

Brasil Feminino. Rio de Janeiro, ed. 37, 1937.

Brasil Feminino. Rio de Janeiro, ed. 38, 1937.

### **Centro de Documentação da Baixada Santista da Unisantos (CDBS-UNISANTOS)**

O Mundo Ilustrado. Rio de Janeiro, ed. 74, 1974.

### **Hemeroteca Municipal de Santos “Roldão Mendes”**

A Tribuna. Santos, outubro de 1935.

## **REFERÊNCIAS**

AVELAR, Lúcia. *Mulheres na elite política brasileira*. Fundação Konrad Adenauer. São Paulo: Unesp, 2001.

BARROS, José D’Assunção. A História Cultural Francesa – Caminhos de Investigação. *Fênix* - Revista de História e Estudos Culturais. Belo Horizonte, vol.2, Ano II, nº.4, 2005.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gian Franco. *Dicionário de Política*. Vol.2. Brasília: UnB, 1998.

BRASIL. Câmara dos Deputados. *Decreto nº 21.076, de 24 de fevereiro de 1932*. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-21076-24-fevereiro-1932-507583-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 14 nov. 2016.

CARVALHO, José Murilo de. *Os Bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. São Paulo: Edusc, 1999.

CHRISTOFOLETTI, Rodrigo. *A Enciclopédia do Integralismo: lugar de memória a apropriação do passado*. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais), FGV-CPDOC, Rio de Janeiro, 2010.

HUNT, Lynn. Revolução Francesa e a vida privada. In: PERROT, Michelle (Org.). *História da vida privada*. Vol. 4 - Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

LOPES, Daniel Henrique. *As experiências femininas na AIB, 1932-1938*. Revendo o Passado. Gênero e Representações. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Unesp, Marília, 2007.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do Mundo Feminino. In: SEVECENKO, N. (Org.). *História da vida privada no Brasil*. República: Da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

MAIO, Marcos Chor; CYTRYNOWICZ, Roney. Ação Integralista Brasileira: um movimento fascista no Brasil (1932-1938). In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Org.). *O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Coleção - O Brasil Republicano. Vol.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

MANCILHA, Virginia Maria Netto. Nas páginas da imprensa feminina: uma análise da revista Brasil Feminino e da participação no movimento do Sigma (1932-1937). In:

GONÇALVES, Leandro Pereira e SIMÕES, Renata Duarte (org). *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. Guaíba: Sob Medida, 2011.

MATOS, Maria Izilda S. *Por uma História da Mulher*. Bauru: Edusc, 2000.

OLIVEIRA, Alexandre Luís de; ALCANTARA, Priscila Musquim. O Jornal A Marcha e a estruturação da AIB em Petrópolis. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Org.). *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. Guaíba: Sob Medida, 2011.

PERROT, Michelle. *Mulheres públicas*. São Paulo: Unesp, 1998.

POSSAS, Lídia Maria Vianna. O integralismo e a mulher. In: DOTTA, Renato; POSSAS, Lídia Maria Vianna; CAVARALI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: Novos Estudos e Reinterpretações*. Arquivo Público do Município de Rio Claro, 2004.

SALGADO, Plínio. *A Mulher no século XX*. São Paulo: Guanumby, 1949.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da História*. São Paulo: Unesp, 1996.

SHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital. *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

SIMÕES, Renata Duarte. Nem só mãe, esposa e professora: os múltiplos campos de atuação da mulher militante integralista. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*. São Paulo, 2011.